

Informação e Desenvolvimento Rural:

o Caso de Produtores Rurais
Assentados em Vitória de Santo Antão (PE)

Leonardo Rodrigues Ferreira¹
Vicentina Ramires²

Resumo

Nesta pesquisa investigamos como se dá a transmissão da informação para o pequeno produtor rural da agricultura familiar, e como a utilização dessa informação pode contribuir para melhorar a produtividade agrícola. Nosso principal objetivo é analisar como acontece a transmissão da informação de melhorias técnicas na produção de mandioca na zona rural do município de Vitória de Santo Antão/PE, de forma a identificar as limitações do uso da informação para a produtividade desse produto com base nos indicadores de produção na propriedade rural. Em um universo de 24 produtores rurais, foi analisada uma amostra aleatória com 15 produtores participantes do projeto Corredor da Farinha, realizado pela Sociedade Nordestina de Ecologia (SNE), no assentamento Açude Grande, zona rural do município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Foram aplicados questionários aos trabalhadores e disseminadores (ADL – Agentes de Desenvolvimento Local), além de aplicada a técnica da observação sistemática, com o objetivo de conhecer a metodologia utilizada pelos técnicos rurais. Os resultados da pesquisa revelaram que os limitantes no processo de transmissão das informações para os produtores rurais residem, principalmente, na baixa escolaridade dos agricultores, na ausência da utilização de tecnologias adequadas devido à escassez de recursos, na resistência a mudanças e na falta de estrutura humana e financeira para treinamentos e capacitações desses produtores.

Palavras-chave: Informação. Produtividade. Extensão rural. Mandiocultura.

¹ Mestre em Administração e Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professor da Sopece. lferreira@terra.com

² Doutora em Linguística. Professora-adjunta do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco. vicentinaramires@terra.com.br

Abstract

This research aims to investigate how information is transmitted in family farms, and how the use of information can help to improve agricultural productivity, specially with technical improvements in cassava production in rural areas, such as Vitória de Santo Antão / PE, in order to identify the constraints in the transmission of information reported by rural workers, as much as present rural workers' profile and evaluate the competitive advantage of the use of information for productivity of cassava based on productivity indicators. The analyses covered a sample of 15 producers in a universe of 24 farmers participating in the project coordinated by SNE. Questionnaires were addressed to workers and technicals, as well as the technique of systematic observation in order to know the methodology used in technical areas. The results revealed that the limiting process of transmitting information to farmers are due mainly to the poor education of farmers, the lack of appropriate technology due to limited resources, the resistance to changings and lack of human and financial assistance for the training of producers.

Keywords: Information. Productivity. Rural extension. Cassava culture.

Com o passar do tempo, o homem vem mudando suas técnicas de cultivo para obter maior ganho na produção agrícola. Isso estimulou uma modificação na acumulação dos componentes alimentares fundamentais que eram acessíveis ao homem e, mesmo com um intenso cultivo, a produção agrícola ficou insuficiente em virtude do aumento da população. Para evitar a falta de alimentos, buscou-se introduzir técnicas que garantissem a permanência adequada da produção. Dessa forma, constatou-se que, do mesmo modo que a disposição da tecnologia direciona para a melhoria da produção dos itens agrícolas, a utilização da informação, voltada para o uso correto do solo, da água, das condições ambientais, da semente e do acompanhamento da cultura, favorece a melhoria da produtividade agrícola, pois o conhecimento sobre a lavoura e suas especificidades ajuda o agricultor a atingir o resultado esperado da produção.

A informação para o processo de comunicação rural mostra-se essencialmente importante, pois muitas vezes a disseminação da informação existe, mas o problema está em sua transmissão que, em muitos casos, é realizada de forma inadequada para o produtor rural. É que, na atividade produtiva, as informações têm características definidas, que devem ser observadas e gerenciadas juntamente com outros fatores de produção. Na análise de Carvalho (2003), justifica-se que, em desenvolvimento rural, não se trata apenas de variáveis econômicas (produtividade, capital, trocas comerciais e tecnologia), mas se discute também sociologia do desenvolvimento, relacionada com as informações obtidas no setor, como as estruturas sociais, culturais e éticas, comparadas ao capital humano e ao desenvolvimento político, que explicam o fracasso de muitos programas para promover o desenvolvimento rural realizado pelos governos.

Na Zona da Mata do Estado de Pernambuco, especificamente na zona rural do município de Vitória de Santo Antão, a agricultura predominante ainda é a de cana-de-açúcar, seguida de banana e de mandioca, que, nos últimos anos, teve grande participação econômica no município (Condepe/Fidem, 2006). Os canais de comunicação rural, entretanto,

muitas vezes não utilizam a metodologia adequada para esse público agrário, o que torna mais difícil chegar à informação correta para as tomadas de decisão que constantemente o agricultor está obrigado a fazer de forma rápida e eficaz.

O processo de transmissão da informação para os pequenos produtores da agricultura familiar muitas vezes não atinge seu objetivo, por vários motivos, que vão desde a resistência em mudar a forma de trabalhar até o desconhecimento das propostas dos técnicos agrícolas. É por essa razão que a transmissão adequada da informação tem-se mostrado um grande diferencial competitivo, porque desenvolve o aprimoramento do plantio, a escolha da cultura mais adequada para o solo e outros fatores que serão determinantes para a melhoria da produtividade da pequena propriedade rural (SNE, 2008).

Dessa forma, este estudo se justifica pela importância da transmissão da informação no meio rural, para o produtor, na construção do processo de tomada de decisão na agricultura familiar do município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, e tem como objetivo geral analisar o processo da informação e suas implicações na produção de mandioca na zona rural daquele município. Como objetivos específicos pretende-se: i) identificar o perfil do trabalhador rural da Zona da Mata de Pernambuco; ii) analisar os indicadores de produção na propriedade rural de mandioca; iii) identificar a participação da SNE e do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco (Promata) na disseminação da informação para melhoria da produtividade agrícola no município de Vitória de Santo Antão; iv) identificar as limitações no processo da informação, apontadas pelos produtores rurais.

Informação e Informatividade

A definição de “informatividade é usualmente utilizada pela literatura, que destaca o fato de que a compreensão de um texto depende do conhecimento de outros textos” (Val, 1991, p. 15). Na opinião de

Beaugrande e Dressler (1981), a informatividade diz respeito ao grau de previsibilidade da informação. Os conceitos desses autores se complementam quando refletem que, para o indivíduo ter acesso à informatividade, precisa ter dados suficientes para entender a informação.

A comunicação é o processo pelo qual os seres humanos trocam entre si informações e, por mais simples que pareça, necessita de elementos para o ato comunicativo entre o emissor, o receptor e a mensagem. A esse respeito completa Fávero (1985): “o termo informatividade designa em que medida os materiais lingüísticos apresentados no texto são esperados ou não esperados, conhecidos ou não conhecidos da parte dos receptores”.

Para Val (1991), é com uma intenção e em uma determinada situação comunicativa que o leitor determinará o sentido de um texto, oral ou escrito, por meio da ativação de seu conhecimento cultural. Para isso são utilizados os arquivos em sua memória, com os diversos contextos ou esquemas que formam seu mundo textual. Ao observar um título ou um texto, o leitor ativa seus conhecimentos que estabelecem as ligações não explícitas, que ajudam a formar uma unidade de sentido.

A escolha do que é informativo ou não na constituição dos sistemas de informação não é algo simples, porque o conhecimento e a extensão das tarefas divergem quanto às circunstâncias que as juntam; alguns domínios “têm alto grau de consenso e critérios de relevância explícitos”, outros “têm paradigmas diferentes, conflitantes...” (Capurro; Hjørland, 2007).

Segundo Kobashi e Tálamo (2003, p. 19):

Projeta um fluxo de relações constantes: na produção, a relação entre conteúdo registrado e a forma da informação; no acesso, as formas significantes compatíveis simultaneamente com a linguagem do sistema e a linguagem do usuário; na troca, a relação entre o capital cultural dos segmentos populacionais e a forma simbólica do estoque informacional e no uso, a relação entre informação disponível socialmente e o conhecimento subjetivo dos segmentos sociais.

Para possibilitar que a informação tenha valor, é preciso deixar claros os meios capazes de avaliá-la, o que não é uma tarefa fácil. Entre algumas maneiras, utilizamos o juízo de valor que, por não ser determinado, altera-se com o tempo e a perspectiva. Em certos casos, é negativo, como ocorre com o exagero da quantidade na informação.

Sob essa perspectiva, segundo Moresi (2000), o valor da informação pode ser assim classificado:

- valor de uso: fundamenta-se na última utilização que se fará com a informação;
- valor de troca: quem a utiliza está consciente de que pagará, sabendo que o valor variará conforme as leis de oferta e demanda, podendo ser chamado de valor de mercado;
- valor de propriedade, que denota o custo substitutivo de um bem;
- valor de restrição, que ocorre no caso de informação sigilosa ou de interesse do mercado, quando o uso fica limitado apenas a alguns indivíduos.

Informação e Conhecimento no Meio Rural

No pensamento de Mañas (2002), para produzir informações e conhecimento, na propriedade rural, é preciso habilitar o produtor agrícola que conduzirá o processo das informações e o gerenciamento da propriedade, o que é primordial para a correta tomada de decisão. Esta depende principalmente das fontes (origens) utilizadas e de como as informações fluem dentro e fora da propriedade agrícola. A adaptação da propriedade rural ao mercado consumidor é de fundamental importância para alcançar os resultados, e são várias as formas de atingi-los, como a escolha das melhores culturas, diversificação agrícola e utilização de sistemas produtivos, pois são inovações que têm como objetivo maior tornarem-se competitivas para alcançar os resultados em curto espaço de tempo. Temos

como fatores da propriedade rural ideal: o retorno financeiro a curto prazo e a sobrevivência a longo prazo; segmentos determinados; saber como proceder no mercado; estar preparado para se adequar à mudança de ambiente e de aprendizagem para atingir o objetivo almejado.

Sob o ponto de vista de Mañas (2002, p.51), “a informação acrescenta ganho de capital, que depende da estratégia escolhida pela organização.” A informação é de tal importância que pode modificar a produção a ponto de, muitas vezes, ser seu produto.

Para Davenport (1998, p.19), o “conhecimento é a informação mais valiosa (...) precisamente porque alguém deu à informação um contexto, um significado, uma interpretação (...)”. O conhecimento pode ser pensado como a informação processada pelas pessoas. O valor associado à informação está sujeito aos conhecimentos anteriores desses indivíduos. Sendo assim, obtemos conhecimento pelo emprego da informação em nossas atividades. A gestão da informação é, desse modo, um processo definido por “um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como os estabelecimentos obtêm, distribuem e usam a informação e o conhecimento” (Davenport, 1998, p. 173).

O conhecimento não pode, todavia, ser desvinculado das pessoas; ele mantém relação rigorosa com sua percepção. São as pessoas que o reúnem em códigos e os decodificam, distorcem e empregam a informação conforme suas características individuais, ou de acordo com seus exemplos intelectuais.

Na busca para obter informações, Davenport (p. 181) apresenta quatro atividades, a saber: exploração, classificação, formatação e estruturação de informações (ver Figura 1).

A exploração de informações é uma atividade que integra a participação humana e mecânica, sendo um elemento necessário para qualquer processo da informação, podendo ser mais bem utilizada mediante a atividade em conjunto do emissor e do receptor, apoiados pela

criatividade. A próxima etapa estabelecida é a coleta de informações e classificação da informação; essa fase é que determina a maneira de acesso à informação pelo usuário. Trata-se de uma tarefa que implica grande utilização de mão de obra. A formatação e a estruturação das informações é a ocasião que se destina à melhor exposição da informação, de maneira que seja mais segura e, conseqüentemente, mais aceita e utilizada com maior confiabilidade. Distribuição é o processo que formata e reúne o emissor e o receptor da informação; a conjuntura efetiva da disposição depende do desempenho funcional dos processos. Nesse caso, faz-se necessária uma boa elaboração de estratégias para disseminação da informação, além da conscientização quanto aos limitantes na transferência da informação. Essa preocupação é resultado das restrições quanto à disseminação das informações, comprometendo, muitas vezes, a constante troca de conhecimentos.



Figura 1: Modelo de Davenport para obter informação

Fonte: Davenport (1998).

De acordo com Davenport (1998), o tratamento para a obtenção da informação, demonstrado na Figura 1, busca, como principal objetivo, adquirir o conhecimento pela informação. Segundo Setzer (1999), o conhecimento é uma abstração interna, de algo que foi provado por alguém, e pode ser evidenciado totalmente. De outra forma, seria somente dado (se

fizesse descrição e não tivesse sentido), ou informação (se descrevesse informalmente e tivesse significado). Não está sujeito, porém, unicamente à interpretação pessoal, pois a informação necessita de uma experiência do objeto do conhecimento. Mesmo relacionando informação à semântica, o conhecimento está associado à pragmática, isto é, relaciona-se com algo existente no “mundo real” em que temos vivência direta.

Na abordagem de Barreto (2002), o conhecimento é o destino da informação, e é ordenado em estruturas mentais pelas quais um indivíduo *entende* o “objeto”-informação. Conhecer é uma atitude de interpretação da pessoa, é uma apropriação do objeto-informação pela mente de cada sujeito – as estruturas intelectuais são construídas pelo indivíduo sensível que entende o meio. A produção de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do ser humano elaborada com o auxílio de suas capacidades cognitivas, ou seja, é uma mudança em seu depósito mental de saber acumulado, resultado de uma influência com a forma de informação. Na reconstrução, pode mudar o modo de conhecimento do indivíduo, ou porque cresce seu conteúdo de saber acumulado, ou por sedimentar o conhecer já guardado, porque reformula a experiência anterior armazenada. Como observa Derrida (1995, apud Barreto, 2002), “esta é mais uma aventura do olhar, do que uma maneira de questionar o objeto em si, porque é na interpretação da informação que o conhecimento é gerado”. É preciso ressaltar que a informação por si só, de forma fragmentada, em apenas determinadas aplicações, não terá resultados, pois se faz necessária a utilização dos sistemas de informação para tornar o uso da informação completo, porque sua abrangência são todas as unidades produtivas.

Transferência de Informação no Meio Rural

A comunicação rural teve seu início no Brasil, efetivamente, nas décadas de 50 e 60, assumindo de maneira clara a posição de agente influenciador. A proposta, conhecida como difusionismo, entendia co-

municação e desenvolvimento rural quase como sinônimos. Oliveira (1988) explica que, na época, vários estudiosos e instituições de fomento rural apontavam a comunicação como uma relevante variável no processo de modernização da sociedade, especialmente a rural. Segundo este autor (1988), maior disponibilidade de recursos e orientações metodologicamente trabalhadas e dirigidas aos agricultores podem contribuir para estimular, aperfeiçoar e mudar o fazer agrícola, promovendo o desenvolvimento do meio rural.

O modelo difusionista tem como forte concepção a ideia de que toda localidade rural é atrasada ou pouco desenvolvida e que precisa receber orientações técnicas baseadas nos padrões das áreas modernas. Uma das principais características desse modelo, que recebeu muitas críticas, baseia-se na ideia da comunicação de “fora para dentro”. O modelo fundamentava-se na forma vertical e unidirecional. Oliveira (1988) ainda comenta que o sistema agrário era como uma área passiva e depositária das técnicas e ideias da modernização completamente definidas.

Conforme as palavras de Paulo Freire (1979), a concepção da comunicação na extensão rural não passa de uma técnica para transmissão unilateral de informações de um polo a outro. Na mesma linha de pensamento, Bordenave (1988) assegura que as pesquisas rurais, como as práticas de comunicação, estão mais direcionadas à permanência do comportamento do homem rural do que preocupadas com a perspectiva de transformar a estrutura da sociedade rural.

Para Bordenave (1988), a comunicação rural é um processo maior do que a informação agrícola ou a extensão rural, porque a população rural é constituída por grupos, associações, empresas e famílias nas quais existem dinâmicos e numerosos fluxos de comunicação, e é por meio desses fluxos que as causas dos problemas mais simples são identificadas, e muitos são solucionados pela população rural, sem intervenção nenhuma do governo.

A comunicação da população residente nas áreas agrícolas possui algumas características, e a principal delas é a *incomunicação*, por vários motivos, tais como o isolamento geográfico, acompanhado das grandes distâncias que frequentemente separam as fazendas, os sítios e as vilas umas das outras, associado às precárias condições das estradas e dos transportes. Considera-se *incomunicação* também o analfabetismo e o baixo nível de escolaridade. A necessidade de trabalhar várias horas durante o dia em condições cansativas, por ser um trabalho físico, deixa o indivíduo com o hábito de dormir cedo para acordar de madrugada, isolando-se de seus vizinhos e, por conseguinte, não tendo oportunidade de trocar informações (Bordenave, 1988).

Para o agricultor utilizar uma tecnologia de maneira correta, comenta Bordenave (1988), deve passar por um processo de ensino-aprendizagem, que engloba algumas etapas:

- 1 – *descritiva*, em que se ensina ao aprendiz a reconhecer os elementos, partes ou atividades que formam a técnica;
- 2 – *entendimento*, quando o aprendiz compreende o embasamento que serve de teoria para a prática;
- 3 – *domínio*, no qual, pela prática, o aprendiz maneja as atividades que o processo técnico exige.

O principal problema nessa transmissão de informação é que cada uma das técnicas exige um determinado tipo de aprendizagem diferente para ser assimilado. Em outras palavras, cada inovação tecnológica tem sua própria forma de aprendizagem, e o público agrícola normalmente possui um baixo nível de escolaridade, o que dificulta o aprendizado de novas tecnologias, e mesmo sendo elas específicas para esse público-alvo, exigem vários níveis de aprendizagem de acordo com a sua realidade, o que torna difícil a aquisição desses novos conhecimentos (Bordenave, 1988).

Para o educador Paulo Freire (1979), a forma de educar deveria se adaptar à realidade de cada um; o homem do campo que não teve oportunidade de estudar no período normal deve ser alfabetizado com base em seu mundo, sendo aproveitada toda a sua vivência e todo o seu conhecimento, bem como seu ambiente, que deve fazer parte das ferramentas de ensino.

Quando o conteúdo da informação excede o máximo de consciência praticável do grupo, ocasiona a incompreensão da mensagem transmitida. Nessa previsão, segundo Freire (1991), todo grupo social procura conhecer, adequadamente, a realidade, mas seu conhecimento não pode ir além de um limite determinado por suas circunstâncias reais de existência. As informações apenas serão compreendidas se a disposição sociocultural do grupo for modificada, pois a prática de cada um dos receptores determina os limites do campo de consciência. Seguindo nesse contexto de que uma informação tecnológica pode não ser compreendida pelo produtor ao qual se destina, estabelece-se a existência de três possibilidades:

- a) necessidade de informação prévia, isto é, conhecimentos anteriores e indispensáveis à compreensão da mensagem;
- b) biografia do receptor, isto é, sua estrutura psicossocial, como no caso do preconceito contra a mudança derivada do tradicionalismo ou de experiências negativas;
- c) resistências coletivas, quando a informação é percebida como ameaça à existência do grupo.

A informação somente será efetivamente transmitida, vindo a ser absorvida e incorporada pelo usuário para o processo produtivo, nos casos em que sua mensagem não ultrapassasse os limites da consciência possível do usuário. Nesse processo a educação, ou seja, o nível de escolaridade do produtor rural, torna-se peça de fundamental importância, com destaque para o fato de que o agente disseminador da informação deve desco-

brir o limite máximo resultante da experiência acumulada pelo usuário, demarcada por sua prática social, que está introduzida num costume mais amplo – a do grupo social ao qual pertence. O produtor rural é que está relacionado a uma dada situação de classe que existe na sociedade na qual o grupo está inserido. Esse problema é peculiar quando se trata da transmissão da informação técnica para produtores rurais (Freire, 1991).

O processo de transferência da informação para os pequenos produtores rurais da agricultura familiar abrange não apenas as circunstâncias relacionadas à comunicação, mas também aquelas que envolvem a produção econômica, agrária e a organização sociocultural específica da área rural. Bordenave (1988) destaca como propósito recente na comunicação rural a transferência da informação tecnológica como meio para superar os problemas sociais e promover um diálogo entre produtores urbanos e rurais. Nessa circunstância, a tecnologia não compreende somente a seleção de sementes, máquinas ou adubos químicos, mas o conhecimento e o uso correto de determinado sistema de produção. Transferência de tecnologia (ou informação) significa a transmissão de conhecimentos com o objetivo de diminuir a incerteza que intervém na atividade rural e ajuda na tomada de decisão.

Metodologia

No trabalho de campo foram realizadas observações sistemáticas *in loco* e aplicados questionários, em uma amostra aleatória, com os disseminadores da informação e assentados produtores de mandioca da agricultura familiar, beneficiados pelo projeto da SNE,³ localizados no assentamento Açude Grande, na zona rural do município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco.

³ A Sociedade Nordestina de Ecologia – SNE – é uma organização não governamental, cujo objetivo é juntar indivíduos e instituições que trabalham com o meio ambiente, de forma a prestar assistência local para produção agrícola, principalmente da agricultura familiar.

Esses pequenos agricultores familiares são orientados por agentes de informações, os ADLs, agentes de desenvolvimento rural, extensionistas e técnicos agrícolas, todos com a supervisão do gestor de área, que trabalham com metas para alcançar resultados que apoiam o agronegócio, mas principalmente desenvolvem a economia local da região, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos pequenos trabalhadores rurais.

Com o propósito de disseminar a informação rural, o Promata⁴ apoiou o projeto Corredor da Farinha, elaborado e executado pela SNE, para prestar assistência técnica rural na cadeia produtiva da mandioca.

Nesse contexto, procurou-se identificar como é realizado o processo de transmissão da informação pelos técnicos agrícolas da SNE (disseminadores de informação) para os produtores de mandioca da agricultura familiar, beneficiados pelo projeto Corredor da Farinha, desenvolvido pela SNE, e observado na zona rural do município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco.

Foram investigadas as dificuldades que o disseminador da informação (técnico agrícola) encontra para transmitir ao produtor rural as informações técnicas de suas atividades, como as relacionadas à produção, ao controle dos custos ou às análises dos resultados produtivos. Quanto ao perfil dos entrevistados, estes são de dois tipos: os disseminadores da informação (técnicos agrícolas) da SNE e os produtores rurais de mandioca da agricultura familiar, no assentamento do estudo.

A escolha do município de Vitória de Santo Antão para a aplicação da pesquisa se justifica por ser o mais representativo entre os outros municípios participantes do projeto, por sua central de abastecimento, por possuir vários supermercados, feiras livres e um comércio que atende a boa parte da região. A cultura da mandioca representa perfeitamente a agricultura familiar na Região da Mata do Estado, pelo fato de o muni-

⁴ O Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco – Promata – tem como finalidade principal contribuir para o desenvolvimento sustentável da Mesorregião da Mata de Pernambuco (determinada pelo IBGE, formada por 43 municípios pernambucanos), e tem como fundamento a ideia de desenvolvimento territorial completo. O programa se constitui em um agrupamento de ações governamentais do Estado de Pernambuco para fomentar o desenvolvimento da localidade e das várias cidades do Estado.

cípio de Vitória ser o maior distribuidor de mandioca e seus derivados para o consumidor final. Esse município, entre outros aspectos, representa a cidade-polo para os municípios vizinhos. Dessa forma, configura-se a existência de um padrão dos indivíduos participantes da pesquisa, por sua realidade econômica e social.

Nesta pesquisa, entende-se por agricultor familiar aquele que realiza junto com sua família as atividades do campo, cuja renda predominante advém do trabalho em sua propriedade, e cuja administração do estabelecimento é de responsabilidade da própria família.

Os produtores do Assentamento Açude Grande informaram que os integrantes da associação estão assim divididos: dos 47 produtores de todo o assentamento rural, apenas 24 são assistidos pelo projeto Corredor da Farinha e participam efetivamente da associação. São os que comparecem às reuniões e contribuem para as ações de melhoria da comunidade, uma vez que os demais estão afastados da associação e não participam das decisões da comunidade.

Foi realizado um levantamento dos trabalhadores rurais no Assentamento Açude Grande e identificados 24 produtores assistidos pelo programa “Corredor da Farinha”, todos integrantes da Associação dos Pequenos Agricultores de Açude Grande. Desse universo foi analisada uma amostra aleatória com 15 produtores participantes do projeto Corredor da Farinha, considerando-se o fato de que os produtores associados apresentavam características semelhantes, já identificadas nos dados secundários colhidos anteriormente pelos técnicos da SNE. A amostra dos disseminadores da informação totalizou cinco técnicos agrícolas, em um universo de sete integrantes do projeto da SNE.

Foram elaborados questionários, com várias alternativas de respostas, para que os respondentes pudessem escolher a que melhor representasse sua opinião, além de se buscar conhecer o perfil econômico e social desses agricultores, e como o projeto elaborado pela SNE contribui para melhorar a produção agrícola dessa comunidade. Foram feitas entrevistas com o agente disseminador da informação (técnico) e os produtores rurais,

que são os beneficiados com a realização do projeto. Essas entrevistas com os dois públicos tinham como objetivo alcançar as metas preestabelecidas da pesquisa, como a metodologia utilizada para transmissão da informação, a forma da abordagem aplicada pelos técnicos e o conhecimento do perfil dos pequenos produtores rurais, entre outros aspectos.

Os dados foram coletados nos meses de novembro e dezembro de 2009, e a base das informações foram os resultados agrícolas dos anos de 2008/2009.

Foi utilizado na pesquisa o modelo para obter a informação proposto por Davenport (1998), em que a informação se fragmenta em atividades compostas por:

- 1 – exploração – Nessa etapa, como se trata de uma atividade em conjunto, espera-se que os sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimento por meio da informação interajam entre si na busca de formas criativas de abordagem com vistas à solução dos problemas.
- 2 – classificação – O modo como se separam as informações (nível de complexidade, grau de conhecimento, definição de variáveis dependentes e independentes) determina a maneira de acesso mais segura e eficiente à informação, de forma a se escolherem abordagens mais apropriadas ao problema.
- 3 – formatação – Nessa etapa a preocupação é com o formato correto, de modo a construir estratégias para tornar mais fácil a distribuição e disseminação da informação.
- 4 – estruturação de informações – Essa etapa destina-se à melhor exposição da informação, de modo a se obter uma abordagem mais segura e, conseqüentemente, mais aceita e utilizada com maior grau de confiabilidade.

A forma de organização proposta por esse autor provavelmente é a mais adequada para este trabalho, mas é importante ressaltar que a análise não se esgota com o modelo apresentado, dado que é preciso considerar, entre outros aspectos, a formação e alguns dados sociais dos atores envolvidos no processo de produção de informação, entre outras variáveis.

Análise dos Resultados e Discussões

O Assentamento Açude Grande, em Vitória de Santo Antão/PE, possui área registrada de 300 hectares, situando-se a 67,2 km do Recife, pela BR-232 até o entroncamento da Rodovia PE-50, e mais 10,5 km. A vegetação ainda apresenta resquícios de Mata Atlântica, e as espécies mais comuns são: pau-ferro, imbaúba e sucupira branca (Incrá, 1997).

Quanto à educação, as escolas mais próximas ficam no Engenho Serra – Assentamento do Incra (a 1 km da sede), e no Sítio Cacimba, a 2 km da sede. As escolas oferecem apenas o Ensino Fundamental, e o complemento dos estudos, Ensino Médio, é feito apenas na cidade de Vitória de Santo Antão.

Observa-se que os chefes de famílias do assentamento possuem em média 58 anos de idade (Tabela 1 e Gráfico 1). Dos entrevistados, o produtor mais velho tem 79 anos e o mais novo 36, sendo em sua maioria aposentados e pensionistas, ou beneficiados pelos programas sociais do governo, realizando o trabalho rural como um complemento de renda para o sustendo de sua família. Foram identificados agricultores que declararam que vivem exclusivamente da produção de sua propriedade rural (Tabela 2).

Tabela 1: Faixa etária dos produtores no assentamento

Idade	Número
24-40 anos	02
41-60 anos	06
Mais de 60 anos	07
Total	15
Média de idade	58

Fonte: Elaborada pelos autores.

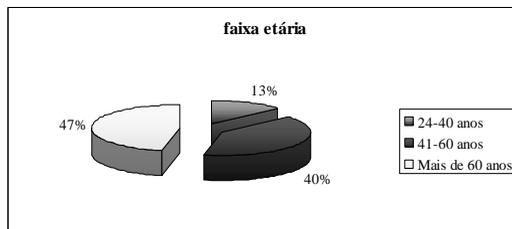


Gráfico 1: Faixa etária dos produtores no assentamento

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 2 é apresentado o perfil dos produtores do assentamento, em que se verifica que, dos 15 produtores entrevistados, 11 são do sexo masculino e 4 do feminino; quanto à escolaridade, 6 são não alfabetizados e 8 possuem apenas o Fundamental incompleto. Somente 1 possui um curso universitário iniciado. Quanto à situação familiar, 5 declararam ser casados, 4 são viúvos e os demais afirmaram ser solteiros. Todos os entrevistados possuem filhos, mas a maioria deles não mora com o produtor, o que dificulta, segundo eles, a produção dos trabalhos de campo.

Tabela 2: Perfil dos produtores participantes do projeto Corredor da Farinha

Identificação	Sexo	Situação Familiar	Escolaridade	N. de Filhos
Entrevistado 1	Masculino	Casado	Fundamental incompleto	9
Entrevistado 2	Masculino	Viúvo	Não alfabetizado	6
Entrevistado 3	Masculino	Casado	Fundamental incompleto	6
Entrevistado 4	Masculino	Casado	Não alfabetizado	10
Entrevistado 5	Feminino	Viúva	Fundamental incompleto	6
Entrevistado 6	Masculino	Casado	Fundamental incompleto	7
Entrevistado 7	Feminino	Solteira	Fundamental incompleto	6
Entrevistado 8	Masculino	Solteiro	Não alfabetizado	10
Entrevistado 9	Masculino	União livre	Fundamental incompleto	5
Entrevistado 10	Masculino	Casado	Superior incompleto	4
Entrevistado 11	Feminino	Solteira	Não alfabetizado	4
Entrevistado 12	Feminino	Viúva	Fundamental incompleto	11
Entrevistado 13	Masculino	Viúvo	Fundamental incompleto	6
Entrevistado 14	Masculino	Solteiro	Não alfabetizado	10
Entrevistado 15	Masculino	Solteiro	Não alfabetizado	9

Fonte: Elaborada pelos autores.

Quanto ao motivo da escolha da mandioca, os produtores afirmaram que o principal é para a subsistência (consumo próprio) e venda do excedente; outros informaram que essa cultura faz parte da tradição da região, que acompanha gerações, e que da mandioca tudo se aproveita, fazendo parte da alimentação familiar. Foi o que aprenderam a produzir desde cedo, e foram incentivados a manter a produção de mandioca pelo projeto.

No que se refere a outras culturas, além da mandioca os produtores informaram que estão diversificando bastante, graças às orientações dos técnicos da SNE, porque, segundo eles, uma cultura favorece as outras, protegendo das pragas e ajudando os agricultores a equilibrar seus rendimentos, ofertando sempre outros produtos. Além da mandioca, as culturas mais fortes na região são cana-de-açúcar, limão, banana, feijão, milho, coco, acerola e hortaliças.

Segundo relatos dos entrevistados (Tabela 3), a principal renda dos produtores rurais do assentamento é a aposentadoria; 9 responderam que é sua principal fonte de renda e que da propriedade rural não tiram rendimentos adicionais; apenas 2 afirmaram que não possuíam outra fonte de renda; 2 informaram que trabalhavam fora do estabelecimento e 2, que faziam parte de programas sociais, como Bolsa-Família. O rendimento médio é de R\$ 465,00, e apenas 2 produtores informaram que recebiam aproximadamente dois salários mínimos.

Tabela 3: Situação da renda familiar dos produtores, beneficiados pelo projeto Corredor da Farinha

<i>Identificação</i>	<i>Fonte de renda, além da propriedade</i>	<i>Valor total (em reais) da renda familiar</i>
Entrevistado 1	não	R\$ 465,00
Entrevistado 2	não	R\$ 500,00 a R\$ 600,00
Entrevistado 3	aposentadoria	R\$ 465,00
Entrevistado 4	aposentadoria	R\$ 800,00
Entrevistado 5	aposentadoria	R\$ 465,00
Entrevistado 6	aposentadoria	R\$ 930,00
Entrevistado 7	Bolsa Família	R\$ 350,00
Entrevistado 8	aposentadoria	R\$ 465,00
Entrevistado 9	Bolsa Família	R\$ 300,00

Entrevistado 10	trabalho fora do estabelecimento	R\$ 500,00
Entrevistado 11	Aposentadoria	R\$ 465,00
Entrevistado 12	Aposentadoria	R\$ 465,00
Entrevistado 13	Aposentadoria	R\$ 465,00
Entrevistado 14	trabalho fora do estabelecimento	R\$ 300,00
Entrevistado 15	Aposentadoria	R\$ 800,00

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na tabela 4 identificamos, segundo os produtores entrevistados, os maiores problemas que limitam a produção agrícola. Os principais entraves são o financiamento e a tecnologia, seguidos de outros, como água e logística (escoamento da produção), e alguns poucos informaram que os maiores problemas são gestão e informação. Constatamos que a comunicação rural, com base na informação agrícola, é elemento indispensável para o aumento da produção rural.

Tabela 4: Problemas da produção agrícola e como buscar informação para melhorar a produção rural, segundo os beneficiados pelo projeto Corredor da Farinha

<i>Problemas</i>	<i>Números</i>	<i>Busca de informações</i>	<i>Números</i>
Financiamento	9	com técnicos agrícolas ou agrônomos	14
Tecnologia	4	livros e revistas especializadas	0
Informação	2	televisão	1
Gestão	1	órgãos especializados na área agrícola	1
Outros	5	outros	8

Fonte: Elaborada pelos autores.

No que se refere à busca de informações, a maioria destacou que trata desse assunto com os técnicos ou agrônomos (alguns só confiam nos agrônomos, não valorizam os técnicos); outros informaram que buscam informações nos sindicatos e associações.

No quesito orientação técnica, os produtores informaram que sabem onde encontrar o técnico responsável por sua produção. Todos, sem exceção, disseram que os técnicos da SNE realizam visitas em suas propriedades e que este acompanhamento contribuiu para melhorar a produção rural. Os produtores, em sua maioria, reclamaram da falta de assis-

tência dos governos e dos financiamentos que não promovem os serviços técnicos necessários, além de terem de pagar os empréstimos contraídos, mesmo sem haver resultado na produção.

Os produtores informaram que, no início do ano, as visitas técnicas realizadas pela SNE ocorrem semanalmente, mas, no segundo semestre, os técnicos fazem o acompanhamento quinzenalmente. Todos foram unânimes em reforçar que estão satisfeitos com os trabalhos da SNE, e alguns comentaram que o governo deveria trabalhar como eles.

Na Tabela 5, que trata dos conhecimentos rurais adquiridos, constata-se que prevalece a tradição de passar de pai para filho o conhecimento rural, e que a experiência ao longo do tempo é importante para o desenvolvimento das técnicas rurais, porque grande parte dos agricultores entrevistados informou que aprendeu com seus pais e depois com seus erros. A participação dos técnicos agrícolas também foi lembrada pelos produtores. Quanto às etapas da produção agrícola que exigem mais trabalho do produtor, a preparação do solo foi considerada a mais difícil, seguida pela comercialização, a colheita e o serviço técnico, mas em menores proporções. Alguns relataram dificuldades no escoamento da produção (transporte), e outro alegou a capina (limpa) da área como o serviço mais pesado da produção agrícola.

Tabela 5: Como adquiriu conhecimentos sobre a mandioca e qual(ais) etapas da produção agrícola tem mais dificuldade, segundo os beneficiados do projeto Corredor da Farinha

<i>Conhecimentos</i>	<i>Números</i>	<i>Etapas da produção agrícola</i>	<i>Números</i>
cursos técnicos sobre a cultura	0	preparação para o solo	8
experiência ao longo do tempo	10	serviço de colheita	2
assistência técnica	6	serviço de armazenagem	0
outros meios		serviço técnico	2
		comercialização	3
		outros	2

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Tabela 6 e no Gráfico 2 a seguir é apresentado o grau de importância da informação, segundo modelo baseado em Davenport (1998), que classifica a informação em escala de importância, para se conhecer, principalmente, como se dá o processo de formação da informação.

Tabela 6: Classificação em grau de importância e valor da informação, segundo os beneficiados do projeto Corredor da Farinha

<i>Grau de importância da informação</i>	<i>Números</i>	<i>Valor da informação</i>	<i>Números</i>
buscar informações	6	utilização da informação	8
separar as informações importantes	1	troca da informação	4
organizar as informações	2	valor da informação	2
aplicar as informações	6	ausência da informação	1
Total	15	Total	15

Fonte: Elaborada pelos autores.

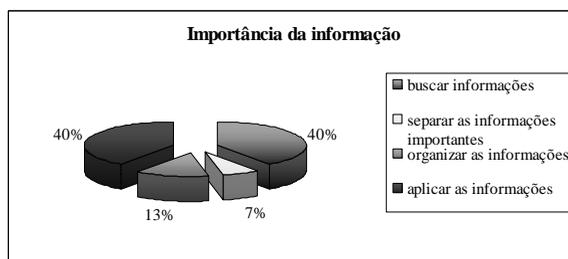


Gráfico 2: Grau de importância da informação

Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo o modelo proposto por Davenport (1998), constata-se, entre os produtores, que no processo de formação da informação o mais importante é buscar e aplicar as informações (40%, respectivamente). Atividades como separar e organizar informações praticamente não são feitas e apenas dois produtores informaram que organizam as informações para tomar suas decisões.

No que se refere ao valor da informação (ver Gráfico 3), segundo modelo tratado por Moresi (2000), que classifica o valor da informação, 53% dos produtores informaram que utilizam a informação para tomar suas deci-

sões; outros 27% disseram que trocam informações para decidir alguma coisa e 13% relataram que valorizam a informação que é dada, mas que já sabem como fazer o trabalho. Apenas um produtor informou que falta informação de como fazer as coisas na área rural. Todos se basearam no valor de uso que fundamenta a utilização, ou seja, o que se fará com a informação obtida.

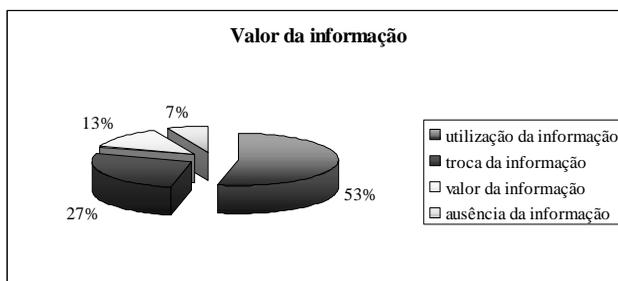


Gráfico 3 – Valor da informação

Fonte: Elaborado pelos autores.

A respeito da informação rural para o produtor, os entrevistados relataram que muitas vezes essa não chega com clareza aos produtores, e o que eles mais necessitam é de assistência de informação, e não de pacotes tecnológicos na maioria das vezes irrelevantes ao agricultor. Dessa carência decorre o fato de que essas tecnologias não sejam muito bem usadas. Nesta questão, Davenport (1998) enfatiza que o valor associado à informação está sujeito aos saberes anteriores desses indivíduos. Isso significa que não se pode desconsiderar os conhecimentos anteriores que os agricultores têm para que a informação seja compreendida. Sobre essa questão, Moresi (2000) ressalta o valor da informação, sobretudo o valor de uso, que se fundamenta na última utilização que se fará com a informação. Nesse caso, explicações claras facilitam as atividades dos disseminadores.

Os entrevistados declararam que o mais difícil na disseminação da informação é a abordagem (Tabela 7). Para os disseminadores, a abordagem deve ser feita de maneira humilde, sem vaidade, por ser agrônomo ou técnico, por achar que sabe mais que o agricultor. Não se deve ignorar o conhecimento empírico dos agricultores.

Tabela 7: Dificuldades para a disseminação da informação técnica e a existência da padronização da informação

<i>Disseminação da informação</i>	<i>Números</i>	<i>Padronização da informação</i>	<i>Números</i>
Abordagem	3	sim	
Explicação do problema	1	não	3
Conhecimento do problema		em parte	2
Outros	1		

Fonte: Elaborada pelos autores.

Considerando o modelo de Davenport (1998) em relação à formação escolar dos sujeitos da pesquisa, todos os disseminadores de informação manifestaram que o repasse das informações técnicas é mais fácil aos produtores com maior escolaridade (Tabela 8); outros três avaliaram também que, quanto menor a escolaridade do produtor, maior é a resistência em mudar sua forma de trabalho. Essas informações sobre escolaridade refletem a opção de mudar a forma do desenvolvimento da atividade para melhorar a produção agrícola.

Tabela 8: A relação entre escolaridade do produtor e as novas técnicas de produção e a existência do planejamento organizacional, na propriedade rural, dos beneficiados pelo projeto Corredor da Farinha

<i>Escolaridade do produtor e técnicas de produção</i>	<i>Números</i>	<i>Planejamento organizacional do gestor</i>	<i>Números</i>
Maior a escolaridade, maior a produção agrícola.	1	sim	5
Conhecimento e aplicação das técnicas pelo produtor estão diretamente ligados a sua escolaridade.	1	não	
Menor escolaridade do produtor, maior resistência em mudar.	3		
O repasse das informações técnicas é mais fácil aos produtores com maior escolaridade.	5		

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Tabela 8 também é analisada a existência do planejamento organizacional do disseminador (técnico agrícola) para o produtor rural. Todos os entrevistados informaram que o projeto da SNE possui um planejamento estratégico para atingir os objetivos propostos.

Sobre a utilização adequada da informação, questionados se ela contribui para o aumento da produtividade rural, todos os disseminadores responderam afirmativamente, e justificaram argumentando que a informação pode ser dada de várias formas diferentes, e o importante é ser compreendida, e, sendo compreendida, gera resultados, ocorrendo um processo de evolução na propriedade agrícola.

Na Tabela 9, a seguir, é apresentado o grau de importância da informação, ordenada por opiniões dos disseminadores – técnicos da SNE –, com base em Davenport (1998), que classifica a informação em escala de importância, para se conhecer principalmente como se dá o processo de formação da informação.

Tabela 9: Classificação em grau de importância da informação, para os técnicos da SNE, participantes do projeto Corredor da Farinha

<i>Grau de importância da informação</i>	<i>Classificação</i>
Exploração	4º
Classificação	2º
Formatação	3º
Estruturação de informações	1º

Fonte: Elaborada pelos autores.

Constata-se, entre os disseminadores, que a estruturação de informações, segundo os entrevistados, é o mais importante, seguida pela classificação. Quanto à formatação e à exploração, eles informaram serem os requisitos de menor importância para tomar suas decisões. Observe-se que há uma relação de interdependência entre todas essas atividades, apesar de ser ressaltado por Davenport (1998) que no seu modelo não há uma hierarquia para definir essa ou aquela atividade no processo de informação como a mais importante ou a menos importante. Sabe-se, todavia, que a classificação da informação de forma ordenada e organizada pode contribuir muito para a transmissão da informação – segundo depoimentos dos disseminadores – para esse público específico, pois o maior detalhamento da informação, de forma simples e adequada, pode levar a resultados precisos para alcançar os objetivos traçados.

Quando foi abordada a questão sobre o que poderá melhorar a produção da agricultura familiar, os entrevistados foram unânimes em responder que o direcionamento da agricultura familiar deverá ocorrer na diversificação da produção, pois atualmente o agricultor deixou de fazer “feira em casa” e vai à feira para comprar feijão e frutas, pois só há monocultura em sua propriedade, deixando, assim, de ser sustentável e ficando sempre dependente do sistema. Alguns dos entrevistados responderam, completando o pensamento, que o acesso à informação pelo agricultor, o aporte aos recursos financeiros e a utilização de novas tecnologias poderão melhorar a produção da agricultura familiar.

No trabalho de assistência técnica rural, os entrevistados responderam que a autonomia do agricultor, o aumento de sua renda e a melhor qualidade de vida das pessoas que vivem no campo são motivos que tornam gratificante o trabalho, pela consciência de estarem contribuindo para minimizar a miséria que perdura nas pequenas propriedades rurais, ou que um simples sorriso de um agricultor torna importante a assistência técnica agrícola.

Também foi solicitado aos entrevistados que relatassem, de acordo com sua experiência, a forma mais eficaz de resolver o problema da falta de assistência técnica rural. Os entrevistados expuseram várias soluções, principalmente as políticas de assistência técnica, cujo foco deverá ser nas tecnologias baratas, sendo construídas de forma participativa, mostrando que o técnico deve se apresentar não como senhor da verdade, mas com a capacidade de dominar o caminho para alcançá-la. A busca da verdade, da felicidade, da beleza, é uma tarefa a ser construída em parceria, garantindo uma cultura apreciativa, visando a destacar o melhor dos outros, suas potencialidades e fortalezas, ao invés dos pontos fracos e carências.

Considerações Finais

Neste estudo verificou-se que muitos dos problemas enfrentados por essa população devem-se, principalmente, à falta da escolaridade, que é bastante acentuada, principalmente para os chefes dos domicílios, pois a grande maioria não é alfabetizada, problema que se reflete na condução das atividades do campo, pois cada vez mais se está necessitando de conhecimentos agregados para a produção agrícola, e essa população rural ainda é muito resistente a mudanças. Foi observado que, quanto maior a escolaridade, mais alta é a produtividade rural, tendo como critério a capacidade de assimilar os ensinamentos passados pelos técnicos agrícolas, ou seja, as informações técnicas necessárias à melhoria da produção agrícola.

Os produtores rurais poderiam ter uma condição de vida melhor, não fosse a falta de políticas públicas em várias áreas, tais como saúde e educação. No assentamento onde foi realizada a pesquisa não há posto de saúde, e há apenas uma escola municipal com ensino até o primeiro grau menor (1ª a 4ª série do Ensino Fundamental). Para que os filhos dos agricultores continuem seus estudos, é preciso se deslocar para a cidade de Vitória, dificultando muito o acesso à educação das crianças dessa região.

A assistência técnica rural fornecida pelos órgãos públicos para essa comunidade é bastante precária. A carência de informação em todos os aspectos é enorme, principalmente no que se refere à área agrícola, pois foram identificadas algumas atuações de órgãos para financiamento agrícola, mas, segundo os produtores, a ausência do acompanhamento dos projetos por parte desses órgãos compromete a contrapartida do produtor, que é o pagamento do financiamento. Dadas as suas precárias condições de trabalho, o agricultor não consegue alcançar o volume de produção previsto no projeto. Como é obrigado a pagar o financiamento contraído, acaba se endividando.

A utilização adequada das informações técnicas agrícolas ajuda o pequeno produtor da agricultura familiar no aumento da produção e em todo o processo da atividade agrícola, como mercado consumidor, ocasionando uma melhor qualidade de vida para o produtor rural.

Referências

BARRETO, A. de A. A condição da informação. *São Paulo em Perspectiva*, 16(3): 67-74, 2002.

BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. New York: Longman, 1981.

BORDENAVE, J. E. Diaz. *O que é comunicação rural?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARVALHO, R. M. de. *A racionalidade da Economia Rural* – artigo parte integrante do livro “Compreender África”. Lisboa: Editora Temas e Debates, 2003.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/peionline/>>. Acesso em: fev. 2009.

CONDEPE/FIDEM. Calendário Oficial de Datas Históricas dos Municípios de Pernambuco. 2006. v. 3. FIAM, Calendário Oficial de Datas Históricas dos Municípios do Interior de Pernambuco, 1994. v. 2. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. IBGE, 1958.

DAVENPORT, T. H. *Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação*. São Paulo: Futura, 1998.

FÁVERO, L. L. A informatividade como elemento de textualidade. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUC/RS, 60: 13-20, jun. 1985.

FREIRE, I. M. Barreiras na comunicação da informação tecnológica. *Ci. Inf., Brasília*, 20(1):51-54, jan./jun. 1991.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 12. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/pernambuco/vitoriatedesantoantao.pdf>> Acesso em: set. 2008.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Superintendência Regional de Pernambuco. *Lauda técnico de vistoria de imóvel rural nº 08/93*. Engenho Açude Grande, mar. 1997.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. *Transinformação*, Campinas, v. 15, p. 7-22, 2003. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=5>> Acesso em: set. 2009.

LEMONS, S. G. et al. Artigo: A agricultura na era da informação: desafios e propostas para automação em análises de solos. *Revista Analytica*, n. 8, dez./jan. 2004.

MAÑAS, A. V. *Administração de sistemas e informações*. São Paulo: Editora Érica, 2002.

MORESI, E. A. D. Delineando o valor do sistema de informação de uma organização. *Ci. Inf., Brasília*, v. 29, n. 1, p. 14-24, jan./abr. 2000.

OLIVEIRA, V. de C. Questões metodológicas da comunicação rural: notas para debate. In: CANUTO, J. C.; SILVEIRA, M. Â. da. *Estudos de comunicação rural*. São Paulo: Loyola, 1988.

PROMATA. Programa de Mata Norte do Estado de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.promata.pe.gov.br>>. Acesso em: jul. 2008.

SNE. Sociedade Nordestina de Ecologia. Disponível em: <<http://www.sne.org.br>>. Acesso em: ago. 2008.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. *Revista Eletrônica sobre Ciência da Informação Datagrama Zero*, Universidade de São Paulo, n. 0, nov. 1999. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer>>.

VAL, M. da G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 1991.

Recebido em: 29/11/2010

Aceito em: 20/12/2010

